Recebido em: **14/04/2012** Emitido parece em: **15/05/2012** **Artigo original**

MUSCULAÇÃO, CORPO E MASCULINIDADE

Neuza Cristina Gomes da Costa[1]

RESUMO

Considera-se a musculação uma prática não apenas física, de entendimento fisiológico e nutricional, mas uma prática social, com função cultural, muitas vezes, despercebidas. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi compreender o significado da musculação para praticantes do sexo masculino, bem como a concepção de corpo e sua relação com gênero. Para isto, foi realizada uma etnografia em uma academia localizada em Cuiabá, Mato Grosso. A etnografia deu-se a partir da observação participante e entrevistas informais, com anotações em diário de campo. Foram acompanhados e entrevistados dez praticantes da musculação. Os praticantes estão entre a faixa etária de 16 a 24 anos. São jovens estudantes do ensino médio e superior. O objetivo da musculação é, principalmente, hipertrofia muscular. A musculação é tida como ferramenta que poderá oferecer um corpo musculoso: corpo de "macho". O corpo produzido pelo esforço da "malhação" mantém e afirma a masculinidade, capital simbólico que permite acesso a privilégios sociais e morais, além da honra. Percebeu-se que a academia não é apenas um espaço de atividade física, mas também um campo que reflete relações de poder entre o masculino e feminino. Espaço de interdições, de normas e valores, onde apenas os "fortes" sobrevivem. Neste caso, os homens. A musculação, neste espaço, é uma atividade que permite mais que aquisição de técnicas corporais ou o desenvolvimento de musculatura e força. Prática simbólica que constrói o corpo de "homem" e logo, afirmação de masculinidade.

Palavras-chave: Musculação, masculinidade, corpo.

WEIGHT TRAINING, BODY AND MASCULINITY

ABSTRACT

Weight training it is considered not only physical practice, of physiological and nutricional agreement, but a social practice. . In this direction, the objective of this study was to understand the meaning of the weight training for practitioners of the masculine sex, as well as the conception of body and its relation with gender. For this was made an ethnography in a academy located in Cuiabá, Mato Grosso. The ethnography took place from participant observation and informal interviews, with notes on field, ten practitioners had been followed and interviewed. The practitioners are between 16 and 24 years. They are young students of average and superior education. The objective of the weight training is, mainly, muscle increase. The weight training is a tool that will be able to offer a muscular body: body of "male". The body produced by the effort of the "weight training" maintains and affirms masculinity, symbolic capital that allows access to social and moral privileges, besides the honor. It war noticed that the gym is not just a space for physical activity, but also a field that reflects the power relations between male and female. Area of prohibitions, norms and values, where only the "strong" survive. In this case, men.The weight training in this space, is an activity that allows acquisition of more than body techniques or the development of muscle and strength.Symbolic practice that builds the body of "man" and soon, a statement of masculinity.

Keywords: Weight training, masculinity, body.

TECENDO UM DEBATE

Este estudo buscou articular os conceitos de masculinidade, corpo e cultura. Para isto a análise da prática da musculação a partir de uma etnografia realizada em uma academia de localizada em Cuiabá, Mato Grosso. Para compreender a temática, necessário conhecer alguns conceitos, como gênero, masculinidade, corpo.

Para definir gênero, utilizo Joan Scott (1998, p. 14) que no artigo "Gênero: uma categoria útil de análise histórica" propõe o seu uso em múltiplas conexões, hierarquias e relações de poder. A autora define gênero como "um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos" [...] "o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder".

Gênero, neste sentido, implica em relações de poder que permeiam o masculino e o feminino. Relações que engendram desigualdades naturalizadas pela diferença entre os sexos, onde o feminino é colocado como posição inferior.

Connell (1995) em seu artigo sobre "Políticas da masculinidade" descreve que nos anos 1970 aconteceram movimentos (Movimentos de Liberação das Mulheres, de Liberação dos Gays e de Liberação dos homens) que reconheceram a categoria de gênero e sua historicidade, colaborando para uma mudança de pensamento. Criou-se uma crítica na noção de "papel masculino". Os críticos afirmavam uma crise da masculinidade. Crise do modelo hegemônico do ser homem, que estimularia mudança e o fim desta masculinidade. O autor afirma que isto não ocorreu e afirma que as mudanças de pensamento tornaram os homens mais sofisticados, além da divulgação de um novo objeto de estudo: o gênero.

Silva (2000) no seu artigo sobre "Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos" faz alusão à crise masculina e afirma que há uma crise da masculinidade do homem contemporâneo. Este estaria colocado em "xeque" pela perda da noção de sua identidade, especialmente, pelos movimentos feministas e da emergência do movimento homossexual das últimas décadas.

Heilborn e Carrara (1998, p. 4), pioneiros nos estudos de gênero no Brasil, descreveram no Dossiê em 1998, que os homens estão buscando refazer sua identidade de gênero frente à perda de vários dos atributos que continuam a definir a masculinidade hegemônica. Crise, ao menos no mundo ocidental, que contrapõe:

> [...] o modelo de homem burguês bem comportado, cumpridor de seus deveres para com a família e o Estado, com a forma tensa do modelo romântico do aventureiro solitário, avesso aos laços familiares e pronto tanto para as agruras dos campos de batalha, quanto para as delícias dos bordéis e dos bares.

No entanto, Ramos (2000) ao escrever "Um olhar sobre o masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade", descreve que dificilmente os homens se percebem em crise e aponta que o gênero masculino é um estado em crise permanente. O autor colabora no mesmo sentido que Connell, em afirmar maior visibilidade do estudo dos homens a partir dos movimentos feministas da década de 1970.

Crise da masculinidade ou não, verifica-se representações sobre o que é ser ou não homem na sociedade. Tem-se um modelo hegemônico, que Pierre Bourdieu descrimina na obra Dominação Masculina (2010). Para o autor a identidade do homem, traduz-se na execução da dominação, expressada como violência simbólica, suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, exercidas por via simbólicas da comunicação e do conhecimento, bem como do sentimento. Uma forma de dominação contida no seio de muitas outras existentes na sociedade, uma "construção social naturalizada".

Mesmo diante de um modelo hegemônico, há formas diferenciadas no comportamento e atitudes dos homens na prática. Comportamentos e atitudes permeadas por relações de poder que ainda levam a desigualdades de gênero, discriminação, preconceitos e violências.

Santos (2007, p. 136) descreve que "não existe uma ideologia masculina linear e igual em todo o mundo. Existe uma abundância etnográfica e cultural no planeta que nos permite inferir vários tipos de ideologias masculinas". O autor argumenta que pode até existir uma forma de masculinidade hegemônica, mas que existem outros tipos de masculinidade dentro desta forma.

A representação sobre o masculino deriva de uma construção cultural e social, e como existem intensas diferenças culturais, as crenças e representações sobre o que é ser homem e o que é ser mulher variam bastante. Neste sentido, fala-se sobre masculinidades (CONNELL, 1995; SANTOS, 2007).

Falar em masculinidades remete, entre outras coisas, a construção do corpo masculino. Corpo que veicula e divulga simbolicamente o que é ser homem. O ser homem permeado de atributos como

virilidade, responsabilidade, invulnerabilidade, objetividade, que implica em fortaleza moral, mas também, física, que reflete em seu corpo.

O corpo, segundo Le Breton (2010, p.7) é um vetor semântico que evidência a relação de como o mundo é construído: "atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimônias dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc". Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva. "O ator abraça fisicamente o mundo apoderando-se dele, humanizando-o e, sobretudo, transformando-o em universo familiar, compreensível e carregado de sentidos e de valores que, enquanto experiência [...]". Mesmo sendo vivida de acordo com o estilo particular do indivíduo, a expressão corporal é socialmente modulável. As manifestações só possuem sentidos ao conjunto dados da simbologia própria do grupo social.

As atividades físicas e esportivas representam um caminho que evidencia as técnicas do corpo. Estas técnicas dependem de uma educação quase sempre muito formalizada, que varia de uma classe social para outra, até de classes de idade (LE BRETON, 2010).

Momento de crise ou não, percebe-se a busca dos homens na afirmação e manutenção do seu capital simbólico. Capital que permite acesso a bens e privilégios sociais, em detrimento da naturalização de inferioridade da mulher, desprovida do mesmo. Desigualdade evidenciada por uma hierarquia que se mantém em torno da estrutura do gênero. Na tentativa de manter o capital simbólico, o homem busca classificar, reclassificar, produzir e reproduzir sua masculinidade (COSTA, 2012). Neste contexto, as academias de musculação adquirem atenção especial.

Nas academias, o corpo tão pouco utilizado em mobilidade e resistência, toma seu lugar por uma energia inesgotável fornecida pelas máquinas. As técnicas corporais mais elementares, como caminhar e correr, são exercidas nestes espaços. Contrapondo, com o subemprego, incômodo e inutilidade que o corpo adquire, torna-se uma preocupação. O corpo tornou-se um elemento negligenciável da presença, dissociado da pessoa, percebido como material acidental, desastroso, mas modulável (LE BRETON, 2003).

Na busca de uma mudança corporal, a ocupação é cada vez maior das academias de musculação, principalmente, pelos homens, descontentes com seus corpos ou diante da necessidade de afirmar sua masculinidade através de um corpo de "macho".

A construção do corpo caracteriza-se como poética, pois inscreve a massa física e enuncia um masculino amistoso, vigoroso, forte e ao mesmo tempo profundo, sedutor e preciso. Noção que desestabiliza a noção de identidade, gênero e sexualidades alternativas para demais variantes polissêmicas (GUARCIA, 2004).

Com intuito de desvendar o universo masculino, estudar a prática da musculação torna-se fundamental. Não é uma prática apenas física, de entendimento fisiológico e nutricional, mas uma prática social, com função cultural, muitas vezes, despercebidas. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi compreender o significado da musculação para praticantes do sexo masculino, bem como a concepção de corpo e sua relação com o gênero.

METODOLOGIA

A etnografia deu-se a partir da observação participante e entrevistas informais, com anotações em diário de campo. A coleta de dados compreendeu o período de seis meses (junho a novembro de 2011), no entanto, a pesquisadora já se encontra neste campo, há três anos. Foram acompanhados e entrevistados dez praticantes da musculação do período vespertino/noturno.

A análise dos dados deu-se a partir da interpretação das falas e das anotações feitas em diário de campo. As falas dos entrevistados foram codificadas pela letra H e numeração crescente de um a dez (H01, H02...) a fim de manter o anonimato e ética na pesquisa.

O ESPAÇO SOCIAL DA ACADEMIA

A academia em questão é empresa privada que oferece serviço de musculação, aulas de ginástica e espaço para aulas particulares de lutas marciais. O funcionamento dá-se nos três períodos:

matutino (6h às 10h) e vespertino/noturno (15h30 às 21h30). É uma empresa familiar que conta com instrutores acadêmicos e graduados em educação física. Localiza-se numa avenida movimentada, próxima ao centro da cidade, com comércio e residência nas proximidades. A academia pode ser classificada como de médio porte.

A clientela da academia é composta pelos praticantes da musculação e por aqueles que treinam artes marciais. Os praticantes da musculação, foco deste estudo, são jovens que estudam no ensino médio, principalmente, de um colégio particular que possui convênio com a empresa, de jovens universitários, jovens trabalhadores e também de pessoas adultas e idosas, em pequena quantidade.

A predominância dos praticantes da musculação é do sexo masculino com faixa etária entre 16 e 24 anos, em especial, jovens do ensino médio e universitários. Em relação às lutas marciais, têm-se homens mais adultos e há participação considerável de mulheres. A proporção entre homens e mulheres na prática da musculação (período vespertino/noturno) está, aproximadamente, de seis para um, ou seja, para cada seis homens, há uma mulher malhando. Proporção que varia conforme o dia da semana e o horário. Há alta rotatividade das mulheres em oposição à assiduidade dos homens. Nos três anos que freqüento o lugar, boa parte dos jovens são os mesmos, enquanto de mulher, nenhuma.

O público em sua maioria pertence às camadas médias da população. Pode-se dizer que parte dos estudantes são sustentados pelos pais e outra parte trabalha e são responsáveis pelas próprias despesas. Os pais pagam a mensalidade da academia, as roupas, suplementos alimentares e inclusive, consultas médicas com especialistas da área do exercício físico. Destaca-se que o investimento não é baixo: inclui o pagamento mensal dos serviços, compra de roupas que devem ser apropriadas, acessórios, como luvas de borracha, e suplementos que variam de preços, dependendo do tipo e da quantidade.

Sabino (2000) com objetivo de compreender as representações sociais e as práticas dos frequentadores de academias de musculação em dois bairros de classe média do subúrbio carioca (Tijuca e Vila Isabel) descreve que a musculação é uma atividade esportiva predominante das classes médias urbanas em busca de ascensão até parcela dos recém-enriquecidos ou emergentes.

No presente estudo, pode-se conformar a afirmação de Sabino, no entanto, existem, em pequena quantidade, jovens de camadas mais baixas, visto a academia ser acessível para estes. No entanto, estes raramente permanecem, pois o investimento ao corpo é caro e com resultados em longo prazo. Além disto, aqueles que trabalham, são os que mais abandonam a prática, tanto por falta de tempo, como pela necessidade de outros investimentos.

As vestimentas dos homens nas diferentes faixas etárias são bermudas, camisetas regatas ou de mangas, justas no braço e no peito. As mulheres mais velhas geralmente usam calças de cores discretas e camiseta, as mais jovens, shorts ou calças de cores variadas e camiseta regata, em geral, “comportadas” (sem decotes provocantes ou que ressaltam os seios, barriga e as costas). Ambos usam tênis.

A academia é dividida por três espaços delimitados. Dois destes são delimitados pela tipologia dos aparelhos de musculação. Na entrada da academia, está a recepção e o primeiro espaço onde predomina os aparelhos para membros superiores do corpo, além dos pesos livres. Ao final deste espaço, o segundo, onde se localizam as esteiras, bicicletas ergométricas, aparelhos para membros inferiores do corpo e espaço para exercícios abdominais. Após este espaço, uma sala fechada para atividades de ginástica, *jump* e aulas de lutas marciais.

Verifica-se uma divisão sexual delimitada no espaço físico: a circulação de homens no primeiro e a de mulheres no segundo e terceiro espaço. Além da mínima circulação dos homens no espaço feminino (exercícios dos membros inferiores do corpo e aulas de ginástica) e das mulheres no espaço masculino (exercícios dos membros superiores do corpo). Circulação e limitação relacionada ao plano de musculação: os homens valorizam os membros superiores e as mulheres os inferiores.

No estudo de Sabino (2000) os resultados também apontam para delimitação do espaço físico da academia pela divisão sexual do trabalho muscular. Ocupados de forma distinta por homens e mulheres em conformidade com as representações de masculinidade e feminilidade presentes no campo. Sendo os exercícios aeróbios e que priorizam a região do glúteo os principais realizados pelas mulheres, e os que desenvolvem ombros, costas, peito e braços, pelos homens.

Hansen e Vaz (2006) no estudo com academias de ginástica e musculação a fim de entender como se materializam aspectos da indústria cultural sobre o corpo e suas expressões, principalmente, as

configurações de gênero, também identificaram espaços delimitados pelos aparelhos de musculação. Os autores descrevem que as academias configuram um ambiente geograficamente estruturado de acordo com as regiões anatômicas pelas personagens que ali convivem, influenciado pelo discurso hegemônico ditado no contexto da indústria cultural. A divisão geográfica articula-se a certa anatomização dos corpos.

Os espelhos fazem parte da decoração do ambiente. Estão dispostos no primeiro espaço e na sala fechada. Cotidianamente, são realizadas disputas pelo intermédio do olhar, comparação do corpo e formas. As mulheres, raramente, fazem parte desta disputa, são mais tímidas, além de não circularem no espaço com tanta frequência, a maioria possui aversão a exercícios de membros superiores. A sala de ginástica é a mais freqüentada, ali elas se olham, reparam-se, mas sem objetivar a análise, a percepção dá-se pela forma do olhar. Um "olhar olhado", mas disfarçado, de modo a não demonstrar importância ao corpo alheio.

Os espelhos promovem consumo da imagem, uma espécie de economia de trocas imagéticas, em que o olhar se torna normatizador. A imagem que se deixa captar pelos espelhos é um fator determinante de condutas (SABINO, 2000; HANSEN e VAZ, 2006).

Além dos espelhos, há fotos em quadros de homens e mulheres realizando exercícios físicos, além de um quadro com uma senhora idosa. As fotos são de pessoas brancas e passam a imagem de um corpo "saudável" que pode ser obtido pela prática da musculação.

MUSCULAÇÃO: CONSTRUÇÃO DE CORPOS DOS MACHOS

O objetivo do estudo foi compreender os significados da musculação para os homens na relação masculinidade – corpo. Mas, para esta relação é importante conhecer, mesmo que de forma breve o significado da musculação para os praticantes do sexo feminino. Para estas, o principal objetivo para praticar ginástica ou musculação é "queima de caloria" e definição do corpo. Demonstram desejos em ter um corpo bonito que é um corpo magro, com coxas e glúteos em destaque.

As mulheres, em sua rotina, chegam e fazem aquecimento de 30 ou 40 minutos na esteira, depois se dirigem para os aparelhos de musculação, com ênfase para os membros inferiores e aversão aos superiores, "malhando por obrigação, para não ficar flácido", disse uma delas. Nos dias de aula de ginástica, os espaços de aparelhos praticamente ficam vazios, pois preferem esta prática. Dificilmente, vê-se uma mulher malhando com outra, ou revezando um aparelho.

Uma praticante que iniciou a prática há cerca de um mês descreveu para mim: "no início éramos três, viemos umas quatro vezes na primeira semana, mas agora elas não querem vir mais, dizem que estão com preguiça. Eu ainda venho, mas é muito cansativo. Meu braço dói, estes dias não conseguia nem escrever, não sei se irei continuar". O discurso, geralmente, é que a musculação uma prática "tediosa" e "exigente", motivos pelos quais, geralmente abandonam.

Ao contrário das mulheres, os praticantes, geralmente, não fazem aquecimento, alongam e vão para os aparelhos. Tendem a malhar em grupo. Todos se conhecem. Percebe-se uma solidariedade entre eles, ajuda na programação do treino, indicação de suplemento, revezamento dos aparelhos, repasse dos pesos, no "toque" (ajuda no levantamento de peso).

Os dez jovens acompanhados neste estudo, almejam um corpo definido e musculoso:

> "Eu já malho há dois anos, permaneço na academia em média de uma hora e meia e meu objetivo é **crescer**, quero chegar a 43 cm de braço" (H01, 19 anos).
>
> "Eu malho porque quero manter meu corpo, até porque como muito, e a musculação me ajuda a não engordar. Malhar para mim é um lazer" (H02, 23 anos).
>
> "Eu quero ter um corpo bonito, definido por inteiro. Quero **ganhar massa**" (H03, 22 anos).
>
> "Eu quero **ganhar massa**, acho-me **pequeno**. Trabalho o dia todo de pé, mesmo assim, venho todos os diais, inclusive sábado" (H04, 25 anos).
>
> "Desde quando comecei busco **crescer**. Quero **ficar grande**" (H05,17 anos).
>
> "Malho para crescer, quero ficar **bombado**" (H06, 19 anos).
>
> "Eu já malho há seis anos, fico em média duas horas e meia na academia. Sigo uma dieta rigorosa, evito frituras e doces. Mesmo já estando definido, ainda me acho

> **pequeno**, o **fio da mandioca**". Intervi: o fio da mandioca? "sim, acho-me pequeno mesmo, quero malhar e crescer mais" (H07, 23 anos).
>
> "Malho para **crescer** e já percebi a diferença, dei uma **encorpada**. Antes eu era muito magro, agora estou mais encorpado" (H08, 20 anos).
>
> "Ah, malho para **crescer**" (H09, 17 anos).
>
> "Malho para ganhar massa" (H10, 18 anos)

Interessante os termos utilizados pelos praticantes para traduzir o que se pretende com a musculação: crescer em oposição a pequeno, ganhar massa, encorpar. A musculação, neste sentido, é a ferramenta que poderá oferecer este corpo desejado. Não é uma prática tediosa como para as mulheres. Pode até ser cansativa, mas é uma prática de lazer.

Em outros estudos, os resultados conformam para estes achados: os homens buscam hipertrofia, definição muscular e força, enquanto as mulheres, a redução da gordura corporal e investimentos nos segmentos mais admirados pelos homens (membros inferiores) (SABINO, 2000; HANSEN E VAZ, 2006; MACHADO e DEVIDE, 2007; MARQUES *et al.,* 2009;).

Neste contexto, verifica-se a relação da prática da musculação com o gênero. A musculação pode ser considerada como domínio masculino, pois é necessário força e disciplina para o ganho muscular, sinônimo de virilidade, atributos que para os praticantes, as mulheres não possuem.

Sabino (2000) descreve que a musculação não é um esporte de contato físico e nem se realizam disputas por meio de partidas, mas no cotidiano, a competição dá-se por intermédio do olhar lançado ao corpo do outro e da comparação das formas. Força e tamanho como sinônimo de virilidade.

Na academia de estudo percebe-se a competição entre os homens. Competição não anunciada, mas existente. Competem na busca do maior volume muscular. As medições são acompanhadas constantemente, nestes momentos, há uma platéia e para aqueles que conseguiram aumento de suas medidas, há aplausos e elogios.

Nesta competição, o espelho torna-se essencial, pois também serve para "comprovar" o crescimento muscular e fazer comparações. Olham-se no espelho, admiram-se: "A gente fica se olhando no espelho, ai os outros pensam que a gente é exibido, mas parece que quando a gente malha, o músculo já aumenta, tenho essa impressão, ai fico analisando" (H07).

O corpo é tido como sagrado, reverenciado. O corpo representa a concepção de masculinidade e o modo de ser/estar no mundo. Aqueles que expressam fraqueza física são ironizados e comparados a mulheres:

> "Seu fraco! Está parecendo mulherzinha" (H01).
>
> "Até a menina levanta mais peso do que você" (H07).

Esta última fala em referencia a mim. Pela invasão no espaço masculino, há olhares reparadores examinando a definição de meus músculos, além de questionamentos sobre os objetivos do meu treino:

> "Por que você malha braço? É feio mulher musculosa, tem que malhar bunda. Eu acho que já está bom, você está ficando muito grande" (H10).

Na representação destes jovens, a feminino é o "sexo frágil". Ser frágil significa ser inferior, por estes motivos, utilizam a comparação com a mulher. Verifica-se também os limites de cada gênero. Ao malhar membros superiores, posso tornar-me "feia", logo fugirei dos padrões colocados para as mulheres e invadirei a corporeidade dos homens, que é privada.

A musculação permite a construção do corpo masculino. Corpo culturalmente motivado pelos significados do ser homem: forte, viril, másculo. "Malhar", ação que permite a construção do corpo de "macho", fomentado culturalmente, consequentemente, ajudará nas conquistas com as mulheres:

> "Não quero me gabar, mas depois que comecei a malhar as coisas melhoram com as meninas" (risos) (H08).

> "Além de sentir bem comigo mesmo, fico mais atraente para as mulheres" (H10, 18 anos)
>
> "Por que eu malho? Uma palavra: Mulher" (H06, 19 anos).

Com a demonstração de masculinidade através do corpo, o praticante sente-se mais poderoso e confiante para investir numa conquista. Assim, o corpo torna-se um atrativo. O corpo torna-se mais que um instrumento de identidade, mas uma mercadoria. Imagem que é motivada pela mídia.

Segundo Hoff (2004) no artigo sobre "Corpo masculino: publicidade e imaginário", é perceptível um aumento gradativo a partir dos anos 1990 de imagens do corpo masculino de forma erótica. Novas representações que denotam a preocupação com a beleza e moda. Com o discurso econômico, o corpo torna-se mercadoria, mulheres e homens presentes na publicidade, embora com aspectos distintos no que se refere aos imaginários de gênero.

Garcia (2004) no estudo sobre "O corpo contemporâneo: a imagem do metrossexual no Brasil" destaca que a cultura midiática globalizada impõe um padrão de beleza e inscreve as propriedades fetichistas de um corpo imagético, erótico, sensual, saudável, desejante. Antes, foco para as mulheres, hoje, os homens aparecem como objetos de prazer e consumo, seja na televisão, na revista ou no cinema.

Destaca-se a influência da mídia cinematográfica, com filmes inspirados nos heróis de quadrinhos, cuja caracterização (corpos musculosos, saudáveis, atraentes) influencia na representação dos corpos. Influência de revistas, como a Men's Health, lançada no Brasil em 2006, com objetivo de divulgar temas sobre saúde, fitness, nutrição, relacionamento, sexo, estilo e carreira.

Motivados pelos significados da masculinidade e impulsionados pela mídia, a musculação é uma prática cada vez mais exercida. Não se valoriza mais o indivíduo, mas o seu corpo.

Neste sentido, tem-se a academia como campo de poder, e a prática da musculação como um meio para se alcançar o corpo ideal de homem: corpo musculoso que representa um capital simbólico a ser adquirido. Aqueles que não desempenham seu papel de gênero neste campo, são objetos de observações, julgamentos, questionamentos e até de exclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os significados da musculação estão relacionados com obtenção de um corpo padronizado. Corpo que destacará tanto a feminilidade quanto a masculinidade. Corpo divulgado pela mídia e almejado por praticantes de ambos os sexos. No entanto, a obtenção deste ideal na academia de musculação parece pertencer aos homens.

A musculação pode ser considerada uma atividade que permite a aquisição de técnicas corporais que fundamentam a existência masculina e permite o desenvolvimento de musculatura e força. Prática não só material, mas também simbólica que permite a construção do corpo de "homem" e, logo, afirmação de masculinidade.

Percebe-se que a academia não é apenas um espaço de atividade física, mas também que reflete as relações de poder entre o masculino e feminino. Espaço de interdições, de normas e valores, onde apenas os "fortes" sobrevivem. Neste caso, os homens.

Neste sentido, a academia como um campo que produz e reproduz a estrutura da dominação masculina e a musculação como um instrumento de poder simbólico, que denota relações de poder e dominação, de uma forma invisível e naturalizada.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. A **dominação masculina.** 8ª ed. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & realidade.** Porto Alegre, RS, v. 20, n. 2. 1995.

COSTA, N. C. G. da. **Navegando por mares ainda desconhecidos**: percepção da masculinidade por universitários de Viña del Mar (Chile) e Cuiabá (Brasil). Monografia de Conclusão de Curso [Bacharelado em Ciências Sociais]. Cuiabá, MT: Universidade Federal de Mato Grosso. 2011.

HANSEN, R.; VAZ, A. F. "Sarados" e "gostosas" entre alguns outros: aspectos da educação de corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação. **Movimento**. Porto Alegre, RS, v. 12, p.133-152, 2006.

HEILBORN, M. L.; CARRARA, S. Em cena, os homens. **Estudos feministas**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 1998.

HOFF, T. M. C. Corpo masculino: publicidade e imaginário. **Revista e- compós**. v. 1, n. 1. 2004. Disponível em: http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/24/25 Acesso em 12 de março de 2012

GARCIA, W. O corpo contemporâneo: a imagem do metrossexual no Brasil. **Revista de humanidades.** v. 5, n.11, 2004.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo:** antropologia e sociedade. 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

_____. **A sociologia do corpo**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MACHADO, L. de P.; DEVIDE, F. P. Representações de homens e mulheres: sobre a prática da musculação em academia. **Lecturas Educación Física y Deportes**, vol. 12 n. 111, 2007. Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd111/representacoes-de-homens-e-mulheres-sobre-a-pratica-da-musculacao-em-academia.htm . Acesso em: 10 de março de 2012.

MARQUES, V. de S. Motivos que levam indivíduos do sexo masculino a prática da musculação. **IV Congresso de Pesquisa e Inovação da Rede Norte Nordeste de Educação Tecnológica**. 2009.

RAMOS, M. S. Um olhar sobre o masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade. In. GOLDENBERG, M. (Org.). **Os novos desejos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

SABINO, C. Musculação: expansão e manutenção da masculinidade. In. GOLDENBERG, M. (Org.). **Os novos desejos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

SANTOS, W. T. M. Modelos de masculinidade na percepção de jovens homens de baixa renda. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 27, jul./ dez. 2007,

SILVA, S. G. de. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicologia**: ciência e profissão. Vol. 20, n.3. Set, 2000.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**. v. 20, n. 2, 1998.

[1] Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

Rua Sergio Xavier de Matos, 146
Bairro Poção
Cuiabá/MT
78015-605